



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **O LETRAMENTO E OS CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES EM EJA**

**Rosely de Oliveira Macário<sup>1</sup>**

*Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)*

[roselymacario@hotmail.com](mailto:roselymacario@hotmail.com)

**Resumo** Este artigo tem como finalidade fomentar reflexões teórico-metodológicas acerca de práticas de leituras em contextos da (EJA) dentro de uma perspectiva de formação de leitores, atentando para as questões de identidades e diversidade. Tal modalidade de ensino é constituída de uma demanda social, que ao longo de suas vidas acumulam uma história de fracasso escolar. Busca-se nesse trabalho focar ações docentes em uma turma de alfabetização do ensino fundamental (EJA), alunos os quais se encontram na escola sem o domínio da leitura. A escola pertence à rede municipal de ensino de Campina Grande /PB. O estudo de cunho teórico metodológico, ancorado no procedimento de pesquisa tido como revisão bibliográfica, enfatiza ainda, a diferenciação entre as práticas de alfabetizar e letrando, embora esses dois termos sejam indissociáveis. As ações docentes com o uso de mídias impressas numa perspectiva interdisciplinar apontam para o atendimento das necessidades leitores dos sujeitos sociais da turma inserida na pesquisa.

Palavras-chave: Formação de leitores, Fracasso Escolar, EJA.

### **INTRODUÇÃO**

Esta discussão em torno de práticas de leitura na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos, no Ensino Fundamental (séries iniciais), constitui uma possibilidade para adentrar no espaço da sala de aula da EJA, na condição de uma professora pesquisadora à luz da ciência, situada em pesquisas científicas, cujo pressuposto teórico-metodológico é de natureza sócio-interacionista discursiva, objetivando redimensionar a ação educativa a partir da relação dialógica entre professor pesquisador e participante da investigação, no que concerne à opção do gênero

<sup>1</sup> Rosely de Oliveira Macário – doutoranda em Educação (Proped/UERJ) no grupo de pesquisa Linguagem, Cognição Humana e Processos Educacionais. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I – Campina Grande-PB



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

textual/discursivo propiciado para o estudo na escola, em que tal ação docente refletisse a aprendizagem atitudinal por parte desse participante.

Pensando no contexto educativo da sala de aula do Ensino Fundamental na escola pública do país e, ainda da necessidade reflexiva do agir docente, frente ao aspecto multifacetado da educação, cabe-nos destacar a realidade educacional, que exige do professor diferente olhar para o fenômeno da diversidade dos alunos nas modalidades de ensino, desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio, e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), e também incluindo os cursos profissionalizantes. Daí deriva que mediante realidades distintas, podemos comungar com o pensamento de Gomes (2008, p.18), ao destacar que “há uma relação estreita entre o olhar e o trato pedagógico da diversidade e a concepção de educação que informa as práticas educativas”.

Na verdade, a presença da diversidade no âmbito escolar, considerando as diferentes identidades apresentadas pelos alunos como fruto advindos de contextos históricos, sociais e culturais, exige-se por parte do professor, novos saberes, para alfabetizar letrando numa perspectiva interdisciplinar no cotidiano escolar. Construir tais práticas pedagógicas não se configuram uma concepção simplista, principalmente quando essas ações escolares tem o intuito da valorização da educação dialógica e multicultural do currículo, aberto as possibilidades de práticas escolares contra as diferentes formas de dominação, exclusão e discriminação na escola.

Nesse trabalho, busca-se discutir práticas de letramentos, para uma demanda social inserida em EJA, no Ensino Fundamental (séries iniciais), configurada de diferentes sujeitos sociais, jovens, mulheres, adultos e pessoas idosas, dotadas de uma variação geracional, desde os 16 anos aos 70 anos, cujo objetivo em comum refere-se ao direito de aprender a ler e escrever.

Tal desafio como advoga Senna (2004) ao falar da educação inclusiva esse autor exprime “é, sem dúvida, um dos maiores desafios apresentados às ciências humanas desde os primeiros momentos da era da estrutura e dos modelos mentais”. Para adentrar



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

no estudo acerca de uma educação que demanda a inclusão das categorias tidas como minorias, a exemplo da EJA, se faz necessário como já adverte Senna (2004), da necessidade de estudar as contribuições de Lev Vygotsky e Edgar Morin, dada a existência de superação do conceito clássico ideal de cognição e, buscar o entendimento das particularidades de sujeitos sociais, como crianças, adolescente, jovens e adultos singulares nas práticas escolares com vistas ao caráter da educação multifacetada, constituída de uma diversidade cultural, portanto, de modelos de mentes diferentes.

Nesse estudo, entende-se que o termo letramento se refere às práticas sociais que envolvem o uso da escrita/leitura, nos diferentes usos, funções e efeitos sobre o sujeito e a sociedade de modo geral. Assim, para Soares (1998),

[...] letramento é o estado ou condição de um indivíduo ou grupo social que exerce, em graus diversos, as práticas de leitura e escrita, participa de eventos que envolvem a leitura/escrita e sofre os efeitos das práticas e eventos de letramento ou letramentos (SOARES, 1998, p.38).

Vê, portanto, que tais palavras são relevantes para que se compreendam as diferenças entre analfabeto, alfabetizado e letrado. O **estado** ou **condição** de quem sabe ler e escrever, isto é, o estado ou condição de quem responde adequadamente às intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita, só recentemente se configurou como uma realidade em nosso contexto social. Com efeito, Bezerra (2010) nos alerta para o fato de que:

Se tem letramento relativo ao contexto discursivo familiar, religioso, profissional e outros, não se pode falar de um sujeito iletrado. Se há tipos diferentes de letramento, só há sujeitos menos ou mais letrados, visto que em algum domínio discursivo ele terá mais práticas de letramento e, em outro menos (BEZERRA, 2010, p.42).

Na maioria das definições atuais de letramento, uma ou outra dessas dimensões (individual e social) é priorizada: põe-se ênfase nas habilidades individuais de ler e escrever, ou nos usos, funções e propósitos de língua isenta no contexto social. Nesse



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sentido, percebe-se que o papel da leitura na sociedade de cultura letrada assume, como pensa Soares (1998), critérios adotados pelo censo, em se verificar o número de analfabetos e alfabetizados. Isto porque, durante muito tempo, considerava-se analfabeto o indivíduo incapaz de escrever o próprio nome, enquanto que, nas últimas décadas, é a resposta à pergunta “sabe ler e escrever um bilhete simples?” que define se o indivíduo é analfabeto ou alfabetizado, ou seja, importa saber se o indivíduo sabe produzir determinado gênero textual, com diferentes intencionalidades discursivas, comunicativas e reais.

Freire (2011), em sua obra intitulada “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, no que concerne ao fato de que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, remete-nos para a necessidade da formação permanente do professor. Tal discussão freireana derivou a observar a realidade de sala de aula em EJA, analisando-a não como um produto pronto, acabado, tampouco como uma prática cristalizada, mas passível ao diálogo.

### **METODOLOGIA**

A pesquisa utilizou-se de instrumentos e técnicas adequados ao objeto específico de estudo, por meio de observação participante, entrevistas gravadas e questionários, acrescidos do acompanhamento da professora pesquisadora, através do uso do diário de bordo, de cujas anotações derivam a visualização sistemática de cada sequência de eventos relacionados à aprendizagem dos sujeitos participantes da pesquisa (Conforme orienta Bortoni-Ricardo, 2011).

Na investigação, foram abordadas questões relativas às práticas de leitura, nas quais destaca-se: Como os sujeitos sociais da EJA aprendem a ler? Para as atividades de intervenção, buscou-se o procedimento sequência didática, a partir do conceito elaborado por Scheuwly&Dolz (2011, p. 82): “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”; e



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Rojo (2008), no que tange à organização dos procedimentos didáticos do planejamento em torno dos gêneros textuais abordados na pesquisa.

Tal investigação tem como sujeitos da pesquisa alunos inseridos em uma sala de aula de I ciclo inicial e final - EJA, cujo objeto de estudo se encontra vinculado à prática de leitura na escola em foco, com localização na rede pública municipal de Campina Grande-PB. Essa investigação começou no início do mês de agosto de 2014, tendo como suporte teórico as contribuições de pesquisadores citados anteriormente. A professora pesquisadora procurou conhecer questões não familiares dos participantes da pesquisa em relação ao objeto de estudo.

A ação metodológica de intervenção nessa sala de aula teve a duração de 103 aulas, cujas atividades foram concluídas no dia 20 de dezembro de 2014. Foi um período de observações participativas, em que a professora pesquisadora passou a entrevistar os alunos da EJA, indagando-os acerca de questões que anteriormente eram tidas como “familiares”.

A sala de aula, *lócus* da pesquisa, é constituída por 25 alunos regularmente matriculados, que se encontravam frequentando as aulas, salvo os casos daqueles estudantes que exerciam atividades laborais, com exigência de jornada de trabalho extra (vigilante pedreiro e cabeleireira). No que concerne à faixa etária dos atores sociais envolvidos na pesquisa, oscilava entre 16 e 70 anos, distribuídos da seguinte forma: 17 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. O que caracteriza, nitidamente, um descompasso entre idade e alunos que ainda não sabem ler, e, conseqüentemente, aponta para uma demanda escolar mais jovem na EJA, uma população cada dia mais jovem, já expressa por Brunel (2008). A pesquisa nos remete para o ressignificar do cotidiano escolar e as relações que se estabelecem entre os sujeitos que se encontram inseridos neste espaço, de modo, a sistematizar eventos de letramentos facilitadores a aprendizagem da leitura e principalmente a tornar o aluno um leitor fora da escola.

Em razão do descompasso existente entre os alunos com faixa etária distinta, em relação ao perfil da EJA, opta-se por investigar quais atividades contribuíam para o aluno avançar (ou não) no processo de aquisição da prática de leitura. Busca-se o



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

diálogo entre os sujeitos da pesquisa para, posteriormente, em outros eventos de letramento, sistematizados no decorrer da pesquisa, refletir sobre o grau de satisfação desses alunos quanto às atividades realizadas em cada aula pela professora pesquisadora.

Diante do exposto, partia-se para a coleta de dados, com uso da metodologia “roda de conversa”, com o intuito científico de, através da conversação, possibilitar o intercuro verbal em que os participantes sociais da pesquisa possam se alternar e destacar as situações sociais, nas quais tiveram a necessidade do uso da leitura em sua vida diária. Daí, no decorrer da pesquisa foi organizado uma proposta de trabalho com vistas a trabalhar os gêneros discursivos presentes na revista: capa, sumário, anúncios publicitários, resumo de telenovelas, horóscopo, entre outras, de modo articulado com os conteúdos proposto pela proposta curricular da rede pública municipal de Campina Grande- PB. Assim, as ações docentes em torno desses gêneros discursivos já explicitados, buscavam atender as solicitações do aluno em alfabetizar letrando os diferentes sujeitos sociais que não sabiam ler pequenos textos.

No Brasil, muitos têm se interessado em estudar e problematizar a questão da escola pública popular, seus limites e possibilidades concretas. Vale registrar estudos já realizados por Freire (1982; 1987; 1994; 2011), Romão (2003), Beisiegel (1982), Arroyo (2001), dentre outros, os quais analisam questões educacionais vinculadas às lutas populares, no campo e na cidade, pelo direito de crianças, adolescentes, jovens e adultos a ingressarem na escola e nela permanecerem, tendo acesso aos conhecimentos e bens culturais produzidos historicamente pela humanidade.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Pensar a prática de leitura na EJA, no ambiente escolar em processo de alfabetização, implica saber os saberes dos sujeitos sociais inseridos na pesquisa, cuja atuação de um professor reflexivo deriva conhecimentos práticos e teóricos, com vistas à elaboração de uma proposta de trabalho de intervenção vinculada ao uso da leitura



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

numa perspectiva de letramento. Desse modo, pensar a proposta de trabalho docente para o lócus da pesquisa derivou refletir a trajetória histórica da educação brasileira, vê suas implicações no processo de um número acentuado de jovens e adultos que são excluídos da escola, e tal exclusão social gera a não participação das práticas e eventos de letramento, em vista desse sujeito social não saber ler e conseqüentemente não dispor das habilidades e competências leitoras exigidas na sociedade contemporânea.

Cabe ressaltar o caso da aluna A, de 38 anos, que motivou a ação docente com o estudo da leitura em sala de aula, com foco no uso de revistas. Ela se envolveu com a prática, encontrando o prazer pela/na leitura, motivando todos para a aquisição de mais revistas, de mais leituras, a cada encontro. Uma prática que adquiriu proporções positivas, e momentos encorajadores, como quando essa aluna relata o quanto é emocionante poder decifrar o código escrito, chorando e sorrindo, ao mesmo tempo, por se revelar, descobri-se, leitora.

Dos diversos relatos acompanhados nesse estudo, cabe destacar o da aluna que exercia a função de gari, justamente no lugar onde se localizavam as três bancas de revistas visitadas em nossa pesquisa-ação. Essa aluna, de 42 anos, já deixava claro nos encontros de leitura em sala de aula de sua não identificação como leitora de revistas em âmbito social e que quando questionada em dias anteriores se não tinha vontade de entrar na banca para folhear tais revistas, verbalizou que passava o dia todo ali, mas “limpando, isto é, trabalhando” e não vendo à hora de “voltar para casa e arrumar as coisas para vim para escola estudar”. Essa aluna não se via leitora fora do ambiente escolar, estava centrada na leitura na escola. Porém, com o desenvolvimento das rodas de conversa, realizadas na sala de aula, atreladas aos diversos relatos das novas descobertas feitas pelo “o encanto da leitura”, nos mais diversos contextos sociais, inclusive na banca de revistas, onde os alunos da EJA estiveram envolvidos com a leitura efetiva, sócio-culturalmente evidenciada pelo ato de ler; ela ora profissional ora aluna expressou que até então não tinha observado que poderia também ter acesso aquele ambiente de leitura: “via revistas, às vezes, jogadas no chão, as quais faziam a



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

coleta de lixo”, e pouco refletia, observava, “eram lixo, não revistas”. E assim seguia, vendo possíveis leituras como lixo por não ter a leitura como função social.

Diante disso, a pesquisa desenvolvida nos instiga a refletir a prática de leitura na perspectiva de formação de leitores críticos perpassa pela formação inicial e principalmente continuada, cujo encaminhamento das ações teórico-metodológicas nos possibilita aproximar a teoria da prática com mais amadurecimento profissional.

### CONCLUSÃO

No geral, ao executar tal pesquisa defendo a ideia de que formação de professores com atuação em EJA, em cenário de educação contemporânea, é oportuno ressaltar que a ação docente, não pode servir de modismo ou mudança nos discursos, mas, sobretudo, para contar com o estabelecimento de novas interlocuções, incluindo o respeito à especificidade da modalidade educativa quanto ao uso de metodologias capazes de atender as peculiaridades dos contextos históricos dos atores sociais na EJA.

Como pensam Tardif & Lessard (2009, p.20), “o importante aqui é compreender que as pessoas não são um meio ou uma finalidade do trabalho, mas a ‘matéria prima’ do processo do trabalho interativo e o desafio primeiro das atividades dos trabalhadores”. Nessa perspectiva, busca-se, nessa pesquisa, ver que a atividade interativa do professor evoca o compromisso de repensar as ações educativas, pelo fato de lidarmos com sujeitos sociais numa perspectiva de inserção social, apesar das inúmeras dificuldades encontradas durante o percurso profissional. Advém daí o papel da formação continuada, que possibilita ao docente ressignificar sua ação educativa diante dos novos desafios encontrados na sala de aula da EJA quanto à melhoria do ensino.

### REFERÊNCIAS



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ARROYO, M. G. (Org.). **Da Escola Carente à Escola Possível**. 5. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2001.

BEISIEGEL, C. de R. **Política e Educação Popular**: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Ática, 1982 (Ensaio; 85).

BEZERRA, M. A. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. *In*: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010, p.39-49.

BORTONI-RICARDO, S. M.; **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2011.

BRUNEL, C. **Jovens cada vez mais Jovens na Educação de Jovens e Adultos**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

CANCHERINI, A. A escuta sensível como possibilidade metodológica. *In*: IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. **Pesquisa qualitativa**: rigor em questão. Fundamentos - Métodos e desdobramentos. Rio Claro: SE&PQ, 2010, p.1-

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora, 1982. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo)

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 13. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra Educação, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. Educação: o sonho possível. *In*: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **O Educador**: vida e morte. Rio de Janeiro: Graal, 2002, p.91-101.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, N. L. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo.** – Brasília: Ministério da Educação, SEB, 2008.

ROJO, R. Modelização didática e planejamento: duas práticas esquecidas do professor? *In: KLEIMAN, A. (Org.). A formação do professor.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008, p 313-335.

ROMÃO, J. E. Compromissos do educador de jovens e adultos. *In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta.* 6. ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003, p. 61-78. (Guia da escola cidadã; v.5).

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola.** 3. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 25-78.

SENNA, Luiz Antonio Gomes. **De Vygotsky a Morin: entre dois fundamentos da educação inclusiva.** In. Espaço, Rev. v. 22. Rio de Janeiro: INES (ISSN: 0103-7668), 2004.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo, Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO